

emeto patriótico

por

Trajano Margarida

PATRIA

Dedicado aos Illmos. e Exmos. Srs.

Cel. Felipe Schmidt; Cel. Pereira e Oliveira; Dr. Fulvio C. Aducci; Dr. Ulysses Costa; Cap. Joé Collaço; Major Elpidio Fragoso e aos distintos militares: General Alleluia Pires; Cel. Salles Brazil; Major Victoriano Corte Real; Capitão Commandante da guarnição Antonio de Souza e officiaes do correcto 54 de Caçadores; Commandante e officiaes do lusidio Tiro 40; Commandante Gustavo Schmidt e officiaes do bravo Regimento de Segurança; aos inferiores e praças das mesmas corporações; aos officiaes e praças das linhas de Tiro de Tubarac; Laguna; Palhoça; S. José; Tijucas; Camboriu; Itajáhy; Brusque; Nova Trento; Blumenau; S. Francisco e Joinville; aos Senhores professores e alumnos do Gynnasio Catharinense; Escola Normal; Escola de Artifices; Collegio Coração de Jesus; Grupos Escolares Silveira de Souza, Lauro Muller, Victor Meirelles, Vidal Ramos, Jeronymo Coelho, Conselheiro Mafra e Luiz Delfino, e a patriótica mocidade de minha terra Natal.

Off. graphics d'A PHENIX

CERC

869.0(816.4)-1

M327
p

U. F. S. C.
BIBLIOTECA CENTRAL
Reg. No. 1907
18/02/75

U. F. S. C.
BIBLIOTECA CENTRAL
Reg. no. 2094
22/8/68

Biblioteca Central - UFSC

Nº. 431.77-5

Data 16/11/78

Patria !

O' sublime expressão do que é divino!
O' grandeza ideal do que é perfeito !

Quantas, quantas bellezas sem iguaes,
Quantos feitos de glorias, immortaes,

Circulam tua face aureolada,
Como um astro de luz, em luz formada ?

Quantos dias de luctas tenebrosas,
De alvoradas felizes, gloriosas,

Por tua altiva fronte já passaram ?
Quantas vezes altivos resoaram,

Os échos retumbantes dos canhões ?
Quantas vezes da guerra as convulsões,

Suffocaste com braço altivo e forte,
N'um masculino estertor de força e morte ?

Tu bem sabes ó patria, ó patria minha,
Esplendor de nobresa, mãe, rainha.

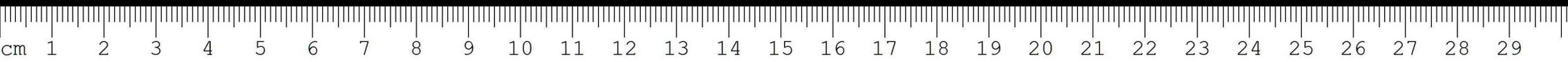
Patria ! Patria ! O' Patria idolatrada !

Bem pequenoeu me lembro, ainda creança,
Quando a idéa do bem é uma esperança,

Que o cérebro afaga noite e dia;
Quando tudo é um só que se irradia,

Todo cheio de bem, todo de amor,
Como a gotta de orvalho em rubra flôr;

Sta Catarina



Nessa idade em que a vida é sempre um sonho,
Puro, calmo, feliz, sempre risonho;

Nessa idade em que tudo é uma illusão;
Que a candura nos faz do coração;

Um batél sobre as ondas de um ideal;
Onde impera a virtude sem igual;

Nessa idade, ah !... eu já te amava tanto,
Que fiz das tuas glorias o meu canto,

Minh'estrella e meu guia.

Não tinha outro esplendor a minha vida,
A não ser de chamar-te, mãe, querida,
Rainha entre as rainhas.

Cresci. De ti a imagem que se adora,
Me era sempre o vir de nova aurora.

Dos teus heróes, os feitos de civismo,
Fortaleceram em mim o patriotismo,

Que bem de pequenino eu tinha n'alma.
E sempre que da gloria eu via a palma,

Suspensa em tua mão, forte e possante,
Como um livro que ensina a todo instante,

O amor a grandeza e a integridade,
Duma patria em que tudo é liberdade,

Ainda mais eu cria na realeza,
No esplendor da verdade e fortaleza,

Que só tu podes ter ó patria amada,
O' patria gloriosa, aureolada.

.....
.....
.....
E quando ler eu soube a tua historia,
Onde impéra o heroismo, o amor á gloria,

Onde impõe o direito e o dever,
Na gigante razão do teu poder;

Quando li os teus feitos gloriosos,
Do Paraguay partindo venturosos,

Como exemplo ás nações do velho mundo;
Mais forte dentro d'alma e mais profundo;

Senti do patriotismo a luz que aquece,
Que santifica, eleva e que engrandece.

Patria ! Patria !

O' sublime expressão do que é divino !
O' grandeza ideal do que é perfeito !

Quem não te amará ?

Quem não ha de correr ao teu appello,
Quando qual desconforme pesadello,

Te assaltar o inimigo ?

Quem ha de baptisar da gloria os sóes,
Sem dizer-te com a calma dos heróes:

Patria ! aqui estou comtigo !

Quem não se orgulhará de ser teu filho,
Procurando imitar da gloria o brilho,

Dos teus filhos heróes ?

Quem não ha de almejar tão grande gloria,
Aos quaes nas aureas paginas da historia,

Refulgem como sóes ?

Nem não se orgulhará em ser teu filho,
Patria ! Patria minha !

Ninguém. Pois todos somos brasileiros,
Descendentes fiéis de fiéis guerreiros,
De bravos sem iguaes
Em nosso peito havemos de guardar,
A herança que nos faz orgulhar,
Dos grandes immortaes.

Em cada um de nós, grande soldado,
Com denodo e heroismo de Machado,
De Osorio e de Barroso.
Em cada um de nós a fortaleza,
Que ha de dar-te, altiva, mais grandeza,
Num futuro radioso.

Patria ! Patria !

Quem não ha de imitar de Annita o feito,
De Annita a heroína dos dois mundos ?
Quem não responderá batendo ao peito:
A bala ! sempre a bala ! em sons profundos ?

Patria ! Patria !

O' sublime expressão do que é divino !
O' grandeza ideal do que é perfeito !

II

Dos filhos seus a patria um dia reclamou,
O grande ardor com que caracterizou,
O nome de Brasil.
Aos filhos seus chamou, com vóz forte, possante,
Fazendo-os vir, em breve e em bem pequeno instante
Numa ancía viril.

Da caserna, formou gigante pallio aberto,
Uma escola feliz que todos tinham certo,
Doutrinas de heroismo.
De cada cidadão buscou fazer um bravo,
Um soldado fiél, feliz por ser escravo,
Do seu proprio civismo.

Tornar uma verdade a mascula grandeza,
Que sorrindo lhe déra um dia a natureza,
Formando-o tão gigante.
Buscar nos filhos seus, o ardor e a segurança,
Que ha de dar-lhe altiva a mésse de esperança,
De ser sempre possante.

E por isso se ouvia o écho estridente,
Da trombeta de guerra em alto som plangente,
Sem nunca mais cessar.
Da patria o augusto nome além ia clamando,
Dos seus heróes a gloria excélsa rebisando,
Num côro de invejar.

De Villa em Villa foi, e foi de serra em serra,
Do palacio á choupana, a triste em que se encerra,
Um mundo de pobreza
E o nome da patria altiva era acclamado,
Como um Deus ideal, um Deus idolatrado,
Sem igual em grandeza.

Ao verem a bandeira alegre tremulando,
Da brisa nos-vai-vens, da brisa que passando,
Docemente a beijava.
Sentiam dentro ao peito a nobre e verdadeira,
Hosana de respeito á mais audaz bandeira,
Que ao vel-os se orgulhava.

E corriam por isso alegres pressurosos,
P'ra attenderem da patria os chamados briosos,

Clamores de civismo.
P'ra caserna elles hião assim, tão sorridentes,
Que demonstravam em tudo, altivos e contentes,
O mais franco altruismo.

Fizeram da caserna a grande escola forte,
Que ensina amar a patria e ensina a honrar a morte,
Na lucta do dever.
Da caserna a igreja em tudo abençoada,
Em que a patria é uma deusa, e está santificada,
Em todo o seu poder.

A lugubre cadeia as bolas e a chibata,
E as algemas crueis que horrorisa e mata,
Tudo foi consumado.
Apenas por castigo os livros e a licção,
O saber conservar a patria ao coração.
E ser um bom soldado.

.....
.....
A caserna está cheia e os sorteados,
Nas carteiras, attentos, recostados,

Ouviam com respeito uma licção
Que lhes dava garboso capitão.

Licção de patriotismo e de bravura,
Que faz regenerar uma alma impura;

E que mostra da patria a immensidade,
E como honrar a sua integridade.

Licção que infiltra n'alma o gram dever,
Que temos todos nós de a defender;

Que mostra o esplendor de um céu azul,
Do colosso sem par do vasto Sul;

Que recorda os trophéos e lembra a gloria,
Paraguay trazida á luz da historia.

Que ensina a ser soldado e a ser um bravo,
Do seu proprio civismo altivo escravo.

Licção que fertilisa e que engrandece,
Na qual da patria o vulto resplandece.

Sublime licção aquellla
Com tal respeito era ouvida,
Que nunca mais esquecida
Se deixará de ser bella.

Após ouvirem a civica licção,
Debandavam na mais franca expansão,
Das almas de criança.
Uns felizes cantavam, outros liam,
E os heroicos feitos aprendiam,
Num riso de esperanza.

Só um que indifferente e alheio a tudo,
Sempre, sempre calado, qual um mudo,
Não fallava nem ria.
E indifferente a tudo e a tudo alheio,
Parecia odiar o proprio meio,
Em que tambem vivia.

Ninguem saber dizia porque triste,
Numa angustia cruel que não resiste,
Vivia o sorteado,
Sempre longe, fugindo aos companheiros,
Como um pobre proscripto, entre estrangeiros,
Vivendo abandonado.

Chamava-se Luiz.

Sorteado e chamado ao Regimento
Não viéra de bom contentamento,
Nas fileiras sentar.
E por isso talvez vivia assim,
Numa angustia cruel que não tem fim...
Nem se pode narrar.

Uma tarde...

Eu me lembro de vel-o.
Estava magro, pallido e tristonho,
Num tão grande soffrer.
Que, nem siquer fallava e nem sorria.

Desejei conhecê-lo.
E ouvir-lhe a narração talvez de um sonho,
Que por certo em sua alma existiria,
Até vel-o morrer.

Calculei que em sua alma ainda creança,
Habitava um mysterio.
Talvez que lhe roubassem toda a esp'rança
E triste cemiterio,
O peito seu tornasse,

Talvez mesmo com a vinda do Sertão,
P'ra sempre lá ficasse...
Pedacos do coração.
Talvez mesmo as saudades naturaes,
Dos encantos do lar,
O peito seu tornasse em tristes ais,
Sem nunca mais cessar.

Saudade vil que magôa,
Que tortura e depois mata.
Que dentro d'alma resôa,
Terrivel, má, insensata.

III

Um dia de manhã,
Quando todos se uniam á formatura,
Num vivo enthusiasmo e tão louçã,
Como o beijo da brisa, fresca, pura,
Encontrei-o sentado, entristecido,
Numa angustia tamanha,
Que até no proprio olhar esmaecido,
Se via reflectir, luz feia, estranha.

Igualava-se a um réo que, condemnado,
Esperava soar o tempo dado,
Que a justiça marcára.
Tinha o tragico fim, pintado á face,
Do mais cruel e negro desenlace,
Que o mundo emfim creára.

Tinha odio á caserna,
E tinha horror á farda.

Criado em liberdade no sertão,
Camisa aberta ao peito, pés descalços,
Sorrindo-se ao verão.
Affrontando do sol os raios falsos,
Que castigam e queimam sem clemencia,
Não podia por certo supportar,
Esta nova prisão de consciencia,
Que o queria matar.

Não tinha um só amigo.

Por companheira a dor que o torturava
E a saudade cruel que o cruciava.

E mesmo sem saber qual o destino,
Que a sorte lh'o daria.

Via entregue a um grande desatino...

Nem fallava nem ria.

Minava-lhe o ser grande desgosto,
E pouco a pouco as covas no seu rosto,
Tomavam mais saliencias dia a dia.

Vinte annos tão somente.

Edade em que começa a vir á vida;
Existencia feliz que desabrocha,
E cresce no sertão.

Lá, vivia feliz, sempre contente,
Como a héra que em flôr matiza a rocha,
E desprende-se ao chão.

Era livre e feliz como a avesinha,
Que alegre apanha a leve palhasinha,
E se occulta ao telhado.

Amava do sertão a liberdade,
E das aves o canto sem maldade,
Sublime e rhythmado.

Acostumado a ouvir a melodia,
Que a cigarra possue em seu cantar,
Não podia viver nessa enxovia,
Que o queria matar.

Só pensava na sua liberdade,
Que lhe déra a sorrir a natureza.
Pois toda a phantasia da cidade,
Do Sertão não valia a realza.

E por isso era triste e pesaroso,
Sem nunca ter nos labios um sorriso,
Tão alegre e feliz e tão ditoso,
Como os lá do Sertão, seu paraíso.

.....
.....
.....

Por todos era notado,
O modo porque vivia,
O Luiz, o sorteado.

Elle a tudo indifferente,
A grande angustia cumpria,
Sempre triste e complascente,

Como se a magoa lhe fosse,
Um lenitivo pr'a alma,
Um consolo puro e doce.

Vivia triste e magoado.
Do martyrio a negra palma,
Tornava-lhe desgraçado.

Não se esquecia um momento,
Da angustia que n'alma tinha,
Do seu cruel soffrimento.

Não se esquecia os encantos,
Que com a saudade lhe vinha,
Acompanhados de prantos,

Dos tempos que lá passára,
Lá no longinquo Sertão,
Onde feliz se creára.

Em sua alma ainda sentia,
O fresco alvor do clarão,
Da alvorada que irradiava.

Em seu cérebro passava,
As bellas scenas de amor,
Que dentro d'alma guardava,

As quaes por certo tambem,

Guardaria Eleonor,
Sua luz, amor e bem,

As saudades sem par, lá do Sertão,
Magoavam-lhe atroz, o coração.

Emquanto dentro d'alma repassavam,
As saudades crueis que o torturavam,

Sem nunca mais cessar.

Os outros sempre alegres, pranteiros,
Na certa compreensão de brasileiros,
Procuravam na historia,
Aprender dos heróes, dos gloriosos,
A causa que os fizéram venturosos,
A' luz do Sól da gloria.

IV

Devido ao seu ar triste e descontente,
Como quem anda sempre mal, doente,

Levaram-n'o a vel-o o commandante,
Um soldado inda moço, audaz semblante,

Cujas faces tostadas nas batalhas,
Sentira o retumbar de mil metralhas.

E o moço commandante que o civismo,
Em seu peito encontrára o patriotismo;

Que santifica, eleva e que engrandece;
Onde a idéa da patria vive e cresce;

Num ardor grande forte e consumado,
Como só pode ter um bom soldado;

Ao vel-o cabisbaixo, entristecido,
Na luz do olhar mostrando-se sentido;

Ao vel-o assim tristonho, descontente,
Como quem grande mal dentro a alma sente;

Fallou-lhe com altivez:

—Estaes doente ?

—Que idéa de tristeza em vossa mente,

—Vos faz tanto soffrer ?

—Qual a causa porque abandonado,

—Viveis como um proscripto e a maldizer,

—Da caserna e da vida de soldado ?

«Saudades do Sertão,

«Que não me deixam nunca.

—Saudades do Sertão ?

«E' verdade senhor.

«Saudades sem iguaes, m'attentam tanto,

«Que me fazem verter sentido pranto.

«Saudades que torturam e magoam,

«Cujos échos de dor, n'alma resoam.

«Saudades sem iguaes, crueis, sem fim,

«Que me fazem ficar tristonho assim.

«Saudades do Sertão onde nasci,

«Onde alegre e feliz, sempre vivi.

.....
.....

«Ah ! Senhor !

«Um momento não ha que eu não recorde,
«Da passarada alegre o doce accorde,
«Ao romper da manhã.
«Quando eu ia feliz e prazenteiro.
«Qual linda borboleta no espinheiro,
«Beijando a flôr louçã.

«Era alegre e feliz.

«Uma tarde...
«Chamado eu fui, a vir para a cidade,
«A fim de apresentar-me ao Regimento...
«Ao novo batalhão.
«Não sei mesmo dizer a crueldade,
«Que esta nova me trouxe, e o soffrimento
«Deste meu coração.

«Estava sorteado:
«Não podia escapar.

«Algum tempo passou-se.

«Mas um dia, senhor, tornou-se uma verdade,
«A noticia pra mim tão cheia de maldade.
«De soldados um grupo, entrára pela villa.
«Uns toques de clarim,
«Resoaram por todo o mattagal sem fim.

«Na frente uma bandeira ao vento se batendo,
«Tristonha annunciava, um que de mau, horrendo.

«Num barulho infernal, aos rufos do tambor,
«Pareciam dragões, mensageiros da dor.

«Entraram pela villa em dois a dois formados,
«Pra trazerem pra aqui uns pobres sorteados.

«Sim...uns pobres como eu que la tristes deixaram,
«Parentes que de angustia, e dor se torturaram,

«Por nos verem partir.

E a cabeça baixando, pezaroso,
Exclamou:
«Se eu pudesse fugir !!...

—Fugir ?

«Sim ?!
«Voltar ao meu sertão tão adorado,
«A terra onde eu nasci.
«Onde sempre feliz e abençoado,
«Sorridente cresci.

«Ouvir cantar de novo os passarinhos,
«Debruçados á beira dos seus ninhos,
«Ou pousados na folha da palmeira.

«Novamente viver na liberdade,
«Que desde pequenino, em tenra idade,
«Conheci no Sertão;

«Viver em liberdade como outr'ora,
«A sorrir desde o vir da rubra aurora,
«Com o seu róseo clarão.

«Caçar as borboletas, ver os ninhos,
«Balançar os rosaes pelos caminhos,
«Satisfeito a cantar.

«Ir ouvir á tardinha o santo terço,
«Que ao lembrar-me senhor, eu extremeço...
«E me ponho a chorar.

«E' por isso, senhor, que eu vivo triste,
«Numa angustia cruel que não resiste,
«Minh'alma torturada.

— Mas... se amaes tanto assim vosso sertão,
— Porque não amar também toda a nação,
— Se toda é uma só patria ?

— Tudo, tudo esquecer pelo Sertão ?
— Esquecer toda a patria, a patria inteira,
— Esquecer os laureis desta bandeira,

— Tão cheia de victorias nas batalhas,
— Que todo o céu cobriram de metralhas,
— Por causa do Sertão ?
— Esquecer a mãe patria, a mãe querida,
— O symbolo ideal da nossa vida,
— Do nosso coração ?

— Tudo, tudo esquecer; a patria inteira;
— O amor que deveis ter pela bandeira,
— Por causa do sertão ?

— Não amais vossa mãe ?

« Sim !

« Aquella que ficou lá no Sertão,
« E que triste tem hoje o coração.

« Aquella que chorou como criança,
« Ao ver partir c' o filho a sua esp'rança,
Toda a sua alegria.

« Aquella que inda hoje é bem sentida,
« Que aos poucos vai finando a sua vida,
« Num extertor de agonia.

— E a patria ?

« A patria ?...

— Sim, a terra onde nascemos.

« Não a conheço, não,
« Nem della ouvi fallar,
« No meu feliz sertão,
« O qual vivo a lembrar.

— Não conheces a patria — a mãe incomparavel,
— Esse ser ideal, tão puro e respeitavel,
— Por toda a parte, toda, e em todo o vasto mundo,
— Essa deusa gentil por quem sempre luctamos,
— E que a todo o momento altivos consagramos,
— No échoar do canhão, audaz, forte e profundo ?

« Nunca ouvi, não, senhor !

— Nunca ouvistes fallar da patria o nome,
— Que é um côro de gloria e tem renome ?

— Em toda a parte já tão conhecida,
— Como a mais gloriosa então nascida ?

— Nunca ouvistes fallar em patriotismo,
— A mais nobre grandeza do civismo ?

« Eu nunca ouvi, senhor.

E o commandante, altivo, admirado,
Da ignorancia ver do sorteado,

Que até da patria o nome nunca ouvira,
Nem dentro o coração, enfim, sentira;

Do patriotismo a excelsa realza;
Levantando-se, cheio de certeza,

De que o sorteado entenderia,
De civismo a licção que lhe daria;

E enérgico e expressivo assim fallou:

V

—Nas contorsões de agudos paroxismos,
Mesmo dentro do seio dos abysmos,

 Em que tudo é ruindade.
Até do ceu nas lividas entranhas,
No mais altivo ponto das montanhas,
 A patria é uma verdade.

—No constante ondular das altas vagas,
—Que levam pobres náus a grandes fragas,
 —Ha patria tambem.
—E a luz que do trovão tão fortemente,
—Sacode o vasto mar phosphorescente,
 —Teve patria e ainda tem;

—Não ha nascido um ser em todo o mundo,
—Que mesmo em pequenez sendo profundo,
 —Que a patria não conheça.
—Pode ser o mais vil, mais abjecto,
—Porque da patria o ceu terá por certo,
 —Sobre a sua cabeça.

—O Sol que tão festivo no horizonte.
—De luz colore o mar e o vasto monte,
 —Com pompa gloriosa,
—Por patria tem o ceu, azul, gigante,
—Das estrellas a luz de diamante,
 —Numa expansão radiosa.

—A candida avesinha que saltita,
—Ou que mesmo no ninho, a medo agita,
 —As azas pra voar.
—Tambem conhece a patria—a mãe sublime,
—A vasta natureza á qual imprime,
 —Gorgeios de encantar.

—O proprio Deus do amor e da bondade,
—O poderoso rei sem igualdade,
 —O rei universal,
—Por patria tem a lei desta grandeza,
—Desde o mais fraco ser da natureza,
 —Ao orbe sideral.

—O leão formidavel do deserto,
—Que o salto nunca dá, perdido, incerto,
 —Na presa desejada,
—Por patria tem a immensidão das selvas,
—E os perfumes subtis das verdes relvas,
 —Em noite enluarada.

—Se tudo patria tem e a patria ama,
—E se por ella um cantico declama,
 —O meigo rouxinól,
—Porque a renegaes vós que sois forte,
—Que por ella podeis vencer a morte,
 —Da gloria tendo o sól ?

.....
.....
—Não ha nascido um ser que não conheça
—Da patria o ceu azul sobre a cabeça.

VI

Para a caserna voltam os sorteados,
Em dois a dois marchando compassados.

Na cadencia dos rufos do tambor,
Cantam esta canção de guerra e amor:

CANTO

Da patria somos nós o braço forte,

base onde ella tem a realeza.
Batem-nos a rir a propria morte,
Se tentam macular sua grandeza.

CORO

Somos nós filhos de heróes,
Descendentes de guerreiros,
Das victorias os mil sóes
Contamos nós, brasileiros.

CANTO

O maior inimigo affrontaremos,
Sem temor, sem receio e com coragem.
Pela patria querida luctaremos,
Por termos d'ella, n'alma a santa imagem.

CORO

Somos nós filhos de heróes,
Descendentes de guerreiros,
Das victorias os mil sóes
Contamos nós, brasileiros.

CANTO

Inimigo não ha que tão possante,
Affronte desta patria a magestade;
Inimigo não ha forte arrogante,
Que ouse macular-lhe a integridade,

CORO

Somos nós filhos de heróes,
Descendentes de guerreiros,
Das victorias os mil sóes
Contamos nós, brasileiros.

E o sorteado ouvia tão attento,
Em tudo achava tal deslumbramento,
Tão immovel ficára,
Que parecia ser todo elle feito,
Uma estatua talhada com respeito,
No marmor de Carrára.

Nunca tinha da patria o nome ouvido,
E ouvindo-o agora e convencido,
Desta sua existencia,
Pediui ao commandante que o ensinasse,
Que da patria a grandeza clareasse.
Na sua intelligencia.

Não mais seria triste; disse rindo.
Sentia que da patria o canto ouvindo,
Alegrava-lhe a alma.
Sentia penetrar-lhe dentro ao peito,
Da patria o ideal, o mais perfeito,
Da gloria a rósea palma.

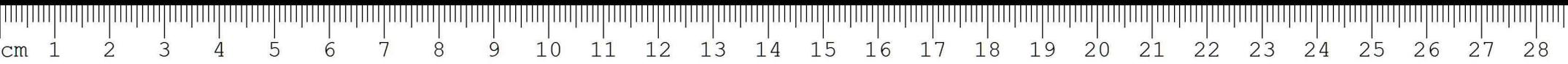
E batendo no peito, exclama entusiasmado:
«Da patria hei de ser sempre o mais fiel soldado.

«Tão fiel hei de ser á patria, á patria minha,
«Como a guia que o filho ao seio quente aninha.

E olhando a bandeira, o verde pavilhão,
As mãos como amparando a forte pulsação,

Que de instante a instante o peito seu tremia,
Fallou com voz pausada e cheia de harmonia:

«Conheço a patria agora !
«Em toda a minha vida,
«A mais festiva aurora,
«A mais santa e querida,
«Acaba de surgir.



«Lem mesmo a do Sertão,
«A que eu amava tanto,
«Cá dentro ao coração,
«Por quem envolto em pranto,
«Eu quizéa fugir;

«Possuia o esplendor,
«A mésse de belleza,
«E os encantos de amor,
«Com tão nobre pureza
«Que esta aurora me traz.

«Não possuia a candura,
«Mesmo dentro os puros ninhos.
«Não tinha tal formosura,
«Os alegres passarinhos,
»Com seus cantos joviaes.

«Da cigarra o alegre canto,
«Que eu fazia sem igual,
«E que me alegrava tanto,
«No santo mez do Natal,
«No mez do amor e do bem;

«Não se iguala a estes cantares
«Que entoam jovens guerreiros,
«Que fazem tremer os ares;
«Horrorisando estrangeiros,
«Que da patria inveja tem.

«Oh ! feliz quem pode um dia,
«Chamar patria, mãe querida.
«Do hymno seu a harmonia,
«Ter por luz em toda a vida.

«Reconhecer-lhe a grandesa,
«A magestade suprema;

«Ser-lhe á sua realeza,
«Da vida o mais santo lema.

Perfilando-se em frente ao commandante,
A mão suspensa em continencia,
Assim fallou;

«Obrigado senhor !

«Agora que a patria eu vejo,
«Que dos heróes o valor,
«As suas glorias, almejo;

«Juro como um bom soldado,
«Que sempre a defenderei,
«Embora sacrificado.

«A sua imagem adorada,
«Terei sempre ao coração.
«Como reliquia sagrada.

«Ser-me-ha a luz do Sol,
«E o facho com que sorrindo,
«Verei da gloria o arreból.

E a bandeira beijou, tão commovido,
Que o mesmo beijo foi repercutido,
Da cidade ao Sertão.

Houve tanta belleza neste instante,
Que sentio-se um que de puro, amante,
Em todo o coração.

E o commandante a sorrir,
Dá-lhe ordem de marchar.

.....
.....

Dez mezes são passados.

VII

Uma nova de horror faz écho na cidade,
Com os requintes crueis da dor e da maldade.
Corre negra e veloz.

Que audazes estrangeiros,
Tinham quebrado o marco das fronteiras.

Invasores da patria, invasores do lar,
Pareciam querer, tudo, tudo arrazar.

Ousados e atrevidos, vinham vindo,
Devastando o que á frente iam achando.
Depois do sangue infame e o vil incendio,
A morte davam aos que iam encontrando.

Mais rapido talvez que o pensamento,
A patria seus soldados levantou,
P'ra fazer a expulsão dos invasores,
De guerra um grito forte resoou,

Voluntarios aos mil se apresentaram.
P'ra do solo expulsar os invasores,
Das cornetas os toques marciaes
Da guerra annunciavam seus horrores,

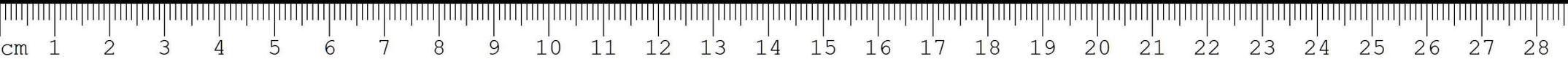
De promptidão as forças aguardavam
O momento da ida pras fronteiras.
Aos postos esperavam se vingarem,
Do grande ultrage ás plagas brasileiras.

.....

Numa linda manhã do mez de Abril,
Com garbo o auri-verde tremulava,
Das brizas ao rumor.

ERRATA

Paginas	n.	1	Verso	5	Leia-se,	Circumdã
»	»	4	»	1	»	de ser teu filho
»	»	4	»	14	»	Num porvir radioso
»	»	6	»	11	»	os bolos e a chibata
»	»	6	»	12	»	E a algema cruel
»	»	6	»	25	»	o grão dever
»	»	7	»	10	»	Poderá ser por tão bella
»	»	8	»	3	»	Nas fileiras entrar
»	»	8	»	20	»	Tornassem
»	»	8	»	22	»	Ficassem
»	»	8	»	26	»	Turbassem tristes ais
»	»	9	»	29	»	lhe daria
»	»	11	»	12	»	Tornava-o
»	»	11	»	16	»	o encanto
»	»	11	»	18	»	de pranto
»	»	11	»	25	»	passavam
»	»	11	»	27	»	d'alma moravam
»	»	17	»	21	»	De a ignorancia
»	»	22	»	11	»	Não possuíam candura
»	»	22	»	12	»	Mesmo dentro dos seus ninhos
»	»	22	»	13	»	Não tinham
»	»	26	»	19	»	Que impedissem



O verde pavilhão do meu Brasil,
Festival, compassado, então marchava,
Aos rufos do tambor.

P'ra guerra era levado, e alegre via,
Os filhos seus seguirem com bravura,
P'ro mundo do terror.
Tamanho entusiasmo nelles ia,
Que garbosos marchavam em formatura,
Aos rufos do tambor.

Por filhos mães choravam, mães piedosas,
Que á mãe patria entregaram filhos bons,
Entre beijos de amor.
Ao embarque seguiam lacrimosas,
Na cadencia que vinha-lhes dos sons,
Do rufo do tambor.

E o pavilhão por todos respeitado,
Saliente, mostrava-se querido,
E cheio de esplendor.
Com tanto garbo, tanto, era levado,
Que parecia ate marchar altivo,
Aos rufos do tambor.

E Luiz, convencido da grandeza,
Da patria que adorava com affecto,
Como um Deus e senhor.
Fazia gosto ver com que belleza,
Marchava em passo firme e sempre certo,
Aos rufos do tambor.

E quem o visse assim tão satisfeito,
Olhar firme, marchando na fileira,
Mostrando o seu valor;
Dizia que levava a patria ao peito,
Secundando os compassos da bandeira,
Aos rufos do tambor.

Quando a náu soltava as brancas vellas,
E as pandas e alvas se enfunaram,
Num mar encantador:
Quas alegres gaivotas, ageis, bellas,
Milhões de brancos lenços acenaram,
Aos rufos do tambor,

.....
.....
.....
Forte ao longe o échoar se ouve,
Do canhão o peito forte,
Pela victoria ha quem louve,
A todo o momento a morte.

O Regimento em que estava
Luiz, o sorteado,
Com bravura então luctava,
Com bravura de soldado.

Do commandante uma ordem,
Soou por toda a fileira,
Que o grosso inimigo em ordem,
Tomar quefia a bandeira.

Que lhe impedisse a entrada,
Pelo flanco ameaçado;
Que fosse prompto guardada,
Pelo mais fiel soldado.

De um salto um vulto avançando,
Junto á bandeira parou.
No espaço as balas cruzando,
Em fumo o ceu se enluctou.

Milhões de mortos jaziam,
No palco horrendo da dor.

Os inimigos fugiam,
Da lucta, cheios de horror.

E a bandeira tremulante,
Cheia de gloria e bravura,
Mostrava de instante a instante,
Que estava perfeita, pura.

E por isso gloriosa,
Solta ao vento, desfraldada,
Parecia mais formosa,
Que uma noite estrellejada.

.....
.....
Quando alegre tocou a formatura,
Pra alvorada fazerem da victoria,
Em que alegre tambem toda a natura,
Parecia gozar da immensa gloria;

Faltava um. Luiz e que por certo,
Pagára o heroismo com a vida.
Mas... instante depois, firme e correcto,
Sorrindo com desdem á insana lida
Cruel e traiçoeira,
De pé foi visto sobre um chão de sangue
Muito pallido, a rir e quasi exangue,
Abraçado á bandeira.



Universidade Federal de Santa Catarina
Biblioteca Central - Doação

família Lucas Boiteux

14/6/67

SERVADO	
DEP	431.77
V-LD ATÉ	1 1



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
BIBLIOTECA

Imprensa Universitária

UFSC Mod. 273

